



MADELINE
HUNTER
LIÇÕES
DO DESEJO

*Ela tem um sonho. Ele tem um objetivo.
O que os une pode separá-los para sempre.*





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

CAPÍTULO 1

Um homem que comete um crime precisa encobrir seus rastros, mesmo que eles sejam deixados pelos melhores sapatos que o dinheiro poderia comprar.

Para encobrir os seus, lorde Elliot Rothwell retornou à casa de sua família, em Londres, e se juntou às pessoas recém-chegadas para o baile promovido por seu irmão. Agiu como se houvesse se ausentado por breves instantes para tomar um pouco de ar naquela gloriosa e agradável noite de maio.

Ao cruzar o limiar da porta, começou a cumprimentar os presentes. Belo e alto, o irmão mais novo do quarto marquês de Easterbrook – e também o Rothwell considerado mais amistoso e normal – distribuiu sorrisos a todos, alguns bastante calorosos a certas damas.

Quinze minutos depois, tão suavemente quanto voltara à festa, Elliot puxou assunto com Lady Falrith. Retomou uma conversa que deixara em suspenso duas horas antes e elogiou a dama com tanto tato que ela se esqueceu de que ele havia se ausentado. Em questão de minutos, Lady Falrith parou de se dar conta da passagem do tempo.

Enquanto jogava seus encantos em Lady Falrith, Elliot varria o salão com os olhos à procura do irmão. Não Hayden, que, junto com a esposa, Alexia, era o anfitrião da noite. Estava em busca de Christian, o marquês de Easterbrook.

Os olhares dos dois não se cruzaram, mas o retorno de Elliot ao baile foi notado por Christian. O mais velho se afastou de um círculo de lordes no fundo da sala e caminhou para a porta.

Elliot dançou uma valsa com Lady Falrith antes de continuar a missão da noite. Fez isso como penitência por estar usando a dama e como um agradecimento sem palavras por sua ajuda involuntária. A noção de tempo de Lady Falrith poderia ser bastante vaga e sua memória, um tanto benevolente. De manhã, ela acreditaria que Elliot havia lhe dispensado atenção a noite inteira e que tinha flertado com ela. Sua autoconfiança seria útil caso algo desagradável acontecesse em relação às atividades de Elliot na cidade naquela noite.

Finda a valsa, ele de novo pediu licença. Ao contrário de Christian, que seguira solitário e direto para a porta, Elliot caminhou pelo salão distribuindo cumprimentos e conversando com todos, até chegar à nova cunhada.

– Está tudo indo bem, não acha? – perguntou ela, seu olhar percorrendo o espaço em busca de confirmação.

– É um triunfo, Alexia.

E, para ela, era mesmo. Um triunfo da personalidade e do temperamento. E talvez um triunfo do amor.

Alexia não era o tipo de mulher que a sociedade esperaria que pudesse se casar com Hayden. Não tinha família nem fortuna. Era tão sensata que nunca aprendera a dissimular, que dirá flertar. Porém, naquela noite ela era a anfitriã no lar de um marquês, com seu cabelo escuro impecavelmente penteado como ditava a última moda e usando roupas igualmente elegantes. A órfã pobre se casara com um homem que a amava como nunca amara antes.

Elliot acreditava que aquele casamento daria certo. Alexia cuidaria para que isso acontecesse. A história já provara que o amor era uma emoção perigosa para os homens da família Rothwell. Contudo a sensata e prática Alexia saberia usar o amor para controlar o perigo. Elliot suspeitava que ela já dominara a fera várias vezes.

Ele se uniu a ela na admiração do sucesso da noite. Em um canto distante, uma mulher pequena de pele muito clara era o centro das atenções. Um penteado adornado de plumas em abundância valorizava seu cabelo louro. Ao mesmo tempo, ela se mantinha vigilante na atenção que uma bela jovem recebia dos rapazes ali por perto.

– O triunfo é seu, Alexia, no entanto, creio que minha tia pretende levar o troféu desta temporada de caça.

– É compreensível a felicidade de sua tia Henrietta por apresentar a filha à sociedade. Dois nobres vinham fazendo galanteios a Caroline nos últimos tempos. Mas ela está irritada comigo hoje porque não convidei um deles para o baile, apesar de ela haver ordenado que eu o fizesse.

Elliot estava pouco interessado nos motivos de irritação da tia. Na lista de convidados, entretanto, tinha todo o interesse.

– Não vi a Srta. Blair, Alexia. Nenhum vestido preto. Nenhum cabelo solto. Hayden a proibiu de convidá-la?

– De jeito nenhum. Phaedra está no exterior. Ela embarcou há cerca de quinze dias.

Ele não queria parecer curioso demais, mas...

– No exterior, você disse?

Os olhos violeta dela se suavizaram, divertindo-se. Voltou toda a sua atenção para ele, o que, considerando o assunto em pauta, não era algo que ele desejasse.

– Primeiro, Nápoles, depois, uma excursão ao sul. Eu avisei a ela que você costuma dizer que não é muito sensato visitar a península Itálica no calor do verão, mas ela queria investigar os rituais e festividades da estação.

Alexia inclinou a cabeça como se fosse confidenciar um segredo.

– Acredito que o falecimento do pai a afetou mais do que ela admite. O último encontro que tiveram foi muito emotivo. Phaedra ficou bastante abalada. Acho que fez a viagem para se animar um pouco.

Ele não duvidava de que se encontrar com o pai em seu leito de morte fosse algo bastante emotivo. Ele mesmo ficara muito consternado ao perder o pai. Nessa noite, porém, estava mais interessado no paradeiro da Srta. Blair e em assuntos discutidos com o pai dela antes da despedida final.

– Se souber onde ela vai se hospedar em Nápoles, posso fazer-lhe uma visita quando eu for, caso ela ainda esteja por lá.

– Ela deixou o endereço do local onde pretendia ficar. Foi indicação de um amigo. Se Phaedra ainda não tiver voltado quando você for, ficarei feliz se puder visitá-la. A independência dela às vezes beira o descuido, e isso me preocupa.

Elliot duvidava de que Phaedra Blair gostasse de ter alguém preocupando-se com ela. Mas Alexia se preocupava de qualquer forma.

– Ai, meu Deus! – murmurou Alexia.

Elliot se virou e viu o motivo do suspiro da cunhada. Henrietta vinha na direção deles, com suas plumas esvoaçantes e seus olhos sonhadores e brilhantes lampejando de tanta determinação.

– Acho que ela está atrás de *você* – sussurrou Alexia. – Fuja enquanto é tempo ou ela vai pegá-lo para reclamar. Easterbrook permitiu que eu recepcionasse os convidados do baile sem o consentimento dela. Henrietta acredita que o fato de morar nesta casa a torna sua dona.

Elliot era mestre em sair à francesa. Quando a tia alcançou seu destino, ele já se fora havia muito tempo.



Depois de pegar um atalho pelo corredor dos criados e dar uma corrida subindo as escadas dos fundos, Elliot se aproximou dos aposentos de Christian. Entrou na sala de estar e encontrou o irmão esticado em uma cadeira no canto.

O olhar penetrante que Christian lhe lançou deixou claro que sua mente não estava nem de longe tão relaxada quanto o corpo.

– Não encontrei – disse Elliot, respondendo à pergunta que aqueles olhos escuros faziam. – Se estiver na casa ou no escritório dele, está muito bem escondido.

Christian expirou com força. O som que fez demonstrava seu aborrecimento. O assunto em questão vinha cerceando sua liberdade de passar os dias fazendo o que bem entendesse. Elliot não fazia ideia de quais atividades seriam essas. Na verdade, ninguém fazia.

– Ele deve ter queimado tudo ao saber que estava à beira da morte – sugeriu Elliot.

– Merris Langton demonstrava ter uma personalidade tal que é improvável que pensasse em poupar os outros, mesmo à beira da morte.

Christian enfiou um dedo por baixo de sua gravata atada com perfeição e deu um puxão para soltá-la. Sua aparência estava impecável naquela noite, tudo nele demonstrava se tratar de um lorde. Os tecidos de suas vestimentas exibiam a qualidade superior em cada fio. Contudo o gesto ao desatar a gravata mostrava seu desconforto em relação à formalidade da noite e o longo cabelo escuro preso em um rabo de cavalo indicava seu lado excêntrico.

Elliot imaginou que o irmão estaria louco para se desvencilhar daqueles símbolos formais da civilização e se refestelar no robe exótico que sempre usava. O mais comum era encontrá-lo descalço em seus aposentos, não usando meias de seda e sapatos. No momento, entretanto, as únicas indicações de seu jeito informal em casa eram a sobrecasaca desabotoada e a forma lânguida como seu corpo alto se moldava ao forro da cadeira.

– Você verificou se havia tábuas soltas no piso ou outros esconderijos? – perguntou Christian.

– Cheguei a arriscar ser descoberto. Permaneci por tempo de mais nos dois prédios e um guarda estava passando quando saí do escritório no centro financeiro. Estava escuro, não havia luz perto da porta, mas...

Sua descrição da aventura sugeria mais receio do que ele de fato tivera. Elliot acreditava que, em certas circunstâncias, não havia opção a não ser infringir a lei. Só nunca esperara reagir de forma tão fria e indiferente quando se visse numa dessas situações.

– Se alguém perguntar, você ficou no baile a noite toda – disse Christian.
– Langton possuía uma pequena editora que publica textos revolucionários. Também era um homem com certo gosto pela chantagem, como descobrimos. Foi uma pena ele ter morrido antes que eu pudesse pagar-lhe. Agora o manuscrito de Richard Drury está sabe lá Deus onde e sua mentira sórdida sobre nosso pai ainda pode vir a público.

- Vou garantir que isso não aconteça.
 - Você acha que alguém pode ter pegado o manuscrito antes de você? É provável que eu não tenha sido a única pessoa que Langton abordou.
 - Não vi indícios de que alguém já tivesse mexido nas coisas dele. Nem mesmo seu advogado ou testamenteiro. Ele acabou de ser enterrado; foi esta tarde. Não acho que o manuscrito estivesse nem na casa nem no escritório quando ele morreu.
 - Esse é um obstáculo muito inconveniente.
 - Inconveniente, mas não intransponível. Vou descobrir o manuscrito e o destruirei, se necessário.
- A atenção de Christian focou nele.
- Você fala com muita confiança. Sabe onde está o maldito manuscrito, não sabe?

– Faça ideia. Se estiver certo, vamos acabar com isso em breve. Mas pode haver custos para você.

– Pois pagarei. Richard Drury foi membro do Parlamento e, apesar de suas ideias extremistas, um intelectual respeitado. Se suas memórias incluírem tal acusação contra meu pai, muitas pessoas vão acreditar nele.

Vão acreditar porque a acusação reforça o que já creem ser verdade.

Elliot não verbalizou a resposta, mas aquela ideia rondava sua cabeça desde que soubera que Merris Langton planejava publicar as memórias de Richard Drury. O livro incluiria segredos e intrigas que repercutiriam mal sobre a reputação de muitos poderosos, tanto do passado quanto do presente. A acusação que supostamente existia contra o pai deles combinava bem demais com o que a sociedade já pressupunha sobre seu casamento.

Porém, a sociedade estava errada em relação à maior parte do caso. O pai lhe explicara isso em um momento em que os homens não mentem.

Você era o favorito dela. Ela o queria para si e eu permiti, já que você era o caçula. Era um alívio vê-la às vezes se lembrar de que era mãe. Só que agora estou morrendo e mal o conheço. Não espero amor ou pesar de você, mas não vou deixar que pense que sou um monstro, como é provável que ela tenha dito.

– Onde você acha que o manuscrito está? Mantenha-me informado de cada passo, Elliot. Se não estiver fazendo progressos, cuidarei de tudo sozinho.

Só não estava claro como Christian faria isso. Essa incerteza levava Elliot a assumir a tarefa. Seu irmão podia ser cruel ao silenciar ecos do passado.

– Apesar de não ter achado o manuscrito, descobri documentos financeiros no escritório de Langton. A editora está em apuros. Os documentos referentes

à propriedade dela foram de grande valia. Richard Drury foi sócio desde o início. Sem dúvida foi esse o motivo pelo qual Langton recebeu suas memórias.

Christian achou isso interessante.

– Teremos que abordar o advogado de Langton e ver quem vai ficar com tudo agora.

– Os documentos indicam que a parte de Drury foi deixada para a única filha. Portanto, ainda há alguém vivo para lidar com o assunto. E provavelmente foi cúmplice no esquema de chantagem desde o início.

– Única filha? Maldição!

Christian apoiou a cabeça no encosto da cadeira, fechou os olhos e emitiu um resmungo exasperado.

– Não me diga que é Phaedra Blair. Que inferno!

– Sim, Phaedra Blair.

Christian xingou novamente.

– É bem do estilo do Sr. Drury, com suas ideias radicais e vida não convencional, deixar para uma mulher, sua filha bastarda, a sociedade num negócio – afirmou, depois desviou o olhar para baixo e prosseguiu: – É claro, ela deve ficar feliz com o dinheiro se a editora estiver em apuros. Talvez até agradeça por ter um motivo para não publicar as memórias do pai. Com certeza os textos abordam assuntos pessoais sobre ela e a mãe.

– É possível.

Mas Elliot não acreditava que as negociações seriam tão simples assim. A Srta. Blair era uma complicação inoportuna. Ela poderia ver na publicação das memórias e seus segredos uma possibilidade de ganhar um bom dinheiro e salvar a editora. Ou, pior, poderia acreditar que seus ideais de justiça social seriam fortalecidos quando ela revelasse o calcanhar de aquiles da sociedade culta.

– O livro dela foi publicado por Langton, não? Está na biblioteca aqui, em algum lugar. Confesso que nunca o li. Não tenho muito interesse em mitologia e folclore, que dirá em estudos que misturam ambos – confessou Christian.

– Ouvi dizer que a base teórica é mais do que respeitável.

Elliot dava a mão à palmatória, quando era o caso.

– Ela herdou a inteligência dos pais, junto com a indiferença pelas convenções sociais e pelas regras de conduta.

– Então, nas atuais circunstâncias, nada do que lhe foi legado é boa notícia para nós.

Christian se levantou, abotoou o casaco e verificou se o colarinho estava arrumado. Ia voltar ao baile.

– É melhor não contar a Hayden sobre isso. Ele é muito protetor em relação à esposa, e a Srta. Blair é amiga dela. Seria melhor que eles continuassem na ignorância, para o caso de você ser obrigado a agir mais ríspidamente.

– A Srta. Blair zarpou para Nápoles há duas semanas. Farei a transação com ela antes que Alexia tenha oportunidade de vê-la.

– Vai segui-la até lá para isso?

– Eu pretendia ir a Pompeia no outono, de qualquer forma. Quero estudar as recentes escavações para meu próximo livro. Só vou antecipar a viagem.

Andaram lado a lado até a escada. A cada degrau, os acordes musicais iam ficando cada vez mais altos e o burburinho de vozes enchia os espaços majestosos. Ao descerem para a alegre turba, Elliot observou a expressão distante e distraída do irmão.

– Não se preocupe, Christian. Vou me certificar de que a acusação contra nosso pai nunca seja publicada.

O rápido sorriso de Christian não deixou sua expressão mais leve.

– Não duvido de suas habilidades ou de sua determinação. Não era sobre isso que estava pensando neste exato momento.

– Então era sobre o quê?

– Estava pensando em Phaedra Blair e imaginando se existe um homem na face da Terra que consiga, como você disse, fazer transações com ela.



Elliot seguia no escuro, iluminando o caminho com a chama da pequena lâmparina que carregava.

Os convidados tinham ido embora e os criados estavam dormindo. Hayden e Alexia provavelmente gozavam das delícias do leito conjugal em sua casa na Hill Street. Christian ainda devia estar acordado, mas não deixaria seus aposentos pelos próximos dias.

A luz fraca se refletia nas molduras douradas na galeria. A lua lançava um pouco mais de luminosidade através dos janelões que vazavam outra parede. Elliot parou na frente de dois retratos. Não tinha descido no intuito de ir àquele cômodo, mas seu objetivo tinha tudo a ver com o homem e a mulher imortalizados naquelas imagens.

O artista tinha usado fundos semelhantes para os dois quadros, como se uma pintura desse continuidade à outra. Era bom ver seus pais juntos assim, duas metades de um todo, mesmo que a unidade implícita fosse mentira. Podia contar nos dedos o número de vezes que ao menos vira os dois no mesmo ambiente.

Não vou deixar que pense que sou um monstro, como é provável que ela tenha dito.

Seu pai se enganara nessa avaliação. Exceto por um único desabafo, a mãe nunca falara com ele sobre a separação e seus motivos. Ela quase não falava nada nas horas que passava com Elliot na biblioteca em Aylesbury.

O medo que sentira do pai vinha dele mesmo, não viera da mãe. Mas apreciara os raros momentos de atenção que recebera daquele pai que parecia não se lembrar de que tinha três filhos, não apenas dois.

Continuou sua caminhada para a biblioteca pensando na longa conversa que tivera com o pai, a última e única da vida inteira. Aprendera verdades importantes naquele dia, sobre seres humanos e paixões, sobre orgulho e alma e sobre a forma como uma criança pode não enxergar direito o mundo à sua volta.

Tinha chegado ao fim dessa conversa já sem medo. Após aquelas confidências, sentira-se como filho de seu pai pela primeira vez na vida.

Correu a lamparina pelas lombadas de couro dos livros na biblioteca. Seguiu para a estante do canto, buscando a prateleira mais baixa. Depois da morte da mãe, havia trazido para ali os livros pessoais dela, os que ele a vira lendo em seu exílio em Aylesbury.

Não sabia por que trouxera aqueles livros para Londres. Talvez assim uma parte dela permanecesse onde a família costumava se reunir. Seguiu esse impulso muito antes da conversa com o pai, um ato de rebeldia na tentativa de finalmente pôr fim à separação dela de suas vidas.

Ninguém nunca notara o acréscimo desses livros às centenas de volumes. Bem embaixo, em um canto obscuro, nem o fato de suas encadernações não combinarem com as dos outros tinha importância.

Passou o dedo por um grupo de obras não encadernadas. Finas e pequenas, eram as brochuras que pertenceram à mãe. Retirou-as da estante, espalhou-as pelo chão e aproximou a lamparina de seus títulos.

Viu o que queria. Um ensaio contra o casamento, escrito trinta anos antes por uma famosa intelectual. A autora vivera de acordo com as próprias crenças. Chegara a recusar uma proposta de casamento do amor de sua vida, Richard Drury, mesmo estando grávida.

Ele carregou a brochura e a lamparina até a estante onde Easterbrook arrumara as novas aquisições da biblioteca. Pegou uma dissertação sobre mitologia que ainda exalava cheiro de couro novo.

Levou os dois livros para seu quarto e começou a lê-los. Estava se preparando para enfrentar Phaedra Blair.

CAPÍTULO 2

— *S*ignora, não acho que eu deva pagar por estes cômodos se nem mesmo quero usá-los.

Phaedra conseguiu expressar sua objeção juntando seus conhecimentos de latim aos poucos termos que aprendera do dialeto napolitano. Esperava que, ainda que as palavras não fossem suficientes, seu tom comunicasse seu desacordo em relação à conta que a *signora* Cirillo lhe apresentara.

Recebeu uma resposta longa e raivosa, despejada de forma igualmente eloquente. A *signora* Cirillo não se importava se Phaedra tinha ficado nos cômodos contra sua vontade. Nem gostava de ter guardas reais posicionados do lado de fora de sua hospedaria modesta porém respeitável. Queria ser paga e tivera a ousadia de acrescentar um valor referente ao incômodo que os guardas representavam para os outros hóspedes.

Apesar de tentada a dizer à mulher que mandasse aquela conta para o rei, Phaedra se controlou e foi buscar as moedas no quarto.

Fora mesmo um erro gastar uma semana naquela cidade antes de partir para as ruínas. Se sua reclusão durasse muito tempo, não teria dinheiro para comprar a passagem de volta para a Inglaterra, que dirá continuar sua missão por ali. A ideia era fazer uma viagem curta ao exterior. Não viera a passeio, afinal. Estava lá por um motivo e tinha assuntos urgentes a tratar quando voltasse para casa.

Amansada por mais uma semana, a *signora* Cirillo foi embora. Phaedra voltou para onde estava sua bagagem e refletiu sobre a situação. Procurou em sua valise e encontrou um xale preto. Desfez o nó que havia em uma de suas pontas, soltando o objeto escondido nele.

Uma joia grande caiu em seu colo e seus matizes brilharam na pouca luz do quarto. Pequenas imagens finamente entalhadas se destacavam em branco-perolado contra o fundo vermelho-escuro. Retratavam uma cena mitológica do deus Baco e seu séquito.

Fora o objeto mais caro que a mãe lhe deixara ao morrer. *Para garantir o futuro de minha filha, deixo-lhe meu único objeto de valor, meu camafeu de ágata, uma antiguidade de Pompeia*, ela havia acrescentado à mão ao testamento.

Phaedra nunca tinha pensado muito sobre aquele aditamento nos seis anos que se passaram desde a morte da mãe. Conservava com carinho aquela peça, assim como tudo o que lembrava a brilhante e extraordinária Artemis Blair. O valor da joia a deixava mais tranquila em relação a seu futuro financeiro, era

bem verdade, mas ela esperava nunca ter que vendê-la. Agora, no entanto, a frase belamente escrita pela mãe levantava perguntas que exigiam respostas.

Amarrou o camafeu de volta no xale, guardou-o e retornou para a sala de estar. Abriu as persianas do janelão que dava para oeste. A baía pareceu muito azul a distância e a ilha de Ischia podia ser avistada em meio à névoa longínqua.

Uma brisa marinha penetrou no cômodo, esvoaçando alguns de seus cachos. A voz do guarda também chegou até ela. Phaedra debruçou-se na janela do terceiro pavimento para ver com quem ele conversava.

Viu alguém de cabelos escuros bem diante do capacete de metal e da imponente bainha da espada do guarda. O cabelo tinha um corte da última moda e se movia de forma romântica ao soprar da brisa. Pertencia a um homem bem mais alto do que o guarda, de ombros largos e que parecia usar uma sobrecasaca cara. As botas eram do tipo visto nos pés mais elegantes de Londres. A julgar pelos trajes, tratava-se de um cavalheiro inglês.

Ela apurou o ouvido para escutar a conversa. Sentiu-se surpreendentemente reconfortada por haver alguém de seu país ali, mesmo que só estivesse pedindo instruções de como andar pela cidade nas ruas mais escondidas do Bairro Espanhol.

Ela considerou a hipótese de chamá-lo e pedir ajuda. Não tinha certeza se os ingleses ali, em Nápoles, sabiam que ela fora presa. Mas também duvidava de que dessem a mínima caso soubessem. Os que a conheciam não aprovavam seu comportamento nem queriam sua companhia. Phaedra normalmente também não apreciava a companhia deles, mas sua inabilidade de se mesclar à sociedade inglesa ali tinha lhe criado problemas muito antes de seu inesperado encarceramento.

As coisas pareciam não ir bem para o inglês: os gestos do guarda deixavam claro que ele se desculpava respeitosamente. *Estou cumprindo meu dever. Eu colaboraria se pudesse, mas...*

O inglês começou a se afastar. Caminhou para o outro lado da calçada e parou. Olhou para cima, franzindo de leve as sobrancelhas perfeitas. Seus olhos escuros alertas percorreram a fachada do prédio.

Phaedra sentiu o coração ficar mais leve – e não só porque o homem tinha um rosto que faria a pulsação de qualquer mulher acelerar. Ela o conhecia. Era o famoso historiador lorde Elliot Rothwell que estava lá embaixo. Alexia dissera que ele visitaria Nápoles no outono, contudo parecia que ele antecipara a viagem.

Ela se inclinou mais para fora da janela e acenou. Lorde Elliot respondeu com um leve movimento de cabeça. Ela levou um dedo aos lábios e apontou para o guarda. Depois gesticulou indicando os fundos do prédio.

Lorde Elliot se afastou fingindo estudar a arquitetura das construções erguidas ao longo da rua. Phaedra fechou a persiana e correu para o outro lado do apartamento. Abriu a janela e olhou para o pequeno jardim embaixo.

Lorde Elliot levou um tempo para chegar lá. Por fim, ela o viu entrar pela extremidade oposta, vindo pelo portão que dava para a ruela fétida que separava os imóveis. Ele seguiu sem nenhuma hesitação. Caminhou na direção dela, alto e confiante, como um homem acostumado a fazer o que bem entendia. Mesmo que a natureza não o houvesse agraciado com um rosto tão bonito e angular, só seu jeito relaxado de andar e seus modos seguros já causariam forte impressão.

Ela ficou tão feliz por ver alguém conhecido que nem se importou por aqueles olhos escuros a avaliarem tão minuciosamente. Percebera um olhar semelhante por sobre o sorriso manso de lorde Elliot quando se conheceram, no casamento de Alexia. Era a reação de um homem que a achava vagamente interessante, mesmo desaprovando sua aparência, suas crenças, sua história, sua família, seu... tudo.

– Srta. Blair, estou aliviado em vê-la bem-disposta e em boa forma.

Outro daqueles sorrisos mansos acompanhou a saudação.

– Também estou aliviada em vê-lo, lorde Elliot.

– Alexia me deu o nome de sua hospedaria e me pediu que viesse visitá-la, para verificar se não precisava de nada.

– Foi muita gentileza dela. Lamento não poder recebê-lo adequadamente, agora que chegou.

– Parece que não pode me receber de forma nenhuma.

Era bem característico dele fazer algumas gracinhas antes de entrar no assunto.

– Imagino que esteja surpreso, até mesmo chocado, por minha prisão.

– Sou um homem que raramente se choca e quase nunca se surpreende. Contudo admito estar um tanto curioso. A senhorita só está em Nápoles há poucas semanas. A maioria das pessoas levaria pelo menos um ano para acumular crimes suficientes para merecer tal punição.

Ele estava se divertindo com a situação? Naquelas circunstâncias, Phaedra achou a conversa inteligente de lorde Elliot bastante inadequada.

– Não houve crime nenhum, só um pequeno mal-entendido.

– Pequeno? Srta. Blair, há um membro da guarda real na sua porta.

– Não estou convencida de que foi o rei que o colocou lá. Um dos funcionários do tribunal fez isso comigo. Ele é um homenzinho abominável, com poder em demasia e pouca inteligência.

Lorde Elliot cruzou os braços, o que o fez parecer crítico e poderoso. Ela odiava quando os homens assumiam essa postura com ela. Era a personificação de tudo o que havia de errado com a metade masculina da humanidade.

– O guarda mencionou um duelo – disse lorde Elliot.

– Como é que eu iria adivinhar que esses homens fossem tão possessivos a ponto de tentarem se matar porque uma mulher conversou com...

– Espadas e adagas. O guarda disse que houve sangue.

– Marsilio é um jovem artista. Não passa de um garoto. Teimoso, porém muito gentil. Eu não fazia ideia de que iria interpretar erroneamente a nossa amizade a ponto de desafiar Pietro simplesmente porque passei com ele às margens da baía.

– É lamentável para a senhorita que Marsilio, o garoto teimoso e gentil, seja parente do rei. Ele quase foi morto no duelo. Felizmente, o guarda disse que ele irá sobreviver.

– Ah, graças a Deus! Apesar de as pessoas exagerarem bastante por aqui. Pelo que entendi, ele não ficou muito ferido, ainda que qualquer ferimento possa se agravar neste clima. Fiquei muito pesarosa com o ocorrido. Eu disse isso. Expressei meu arrependimento e minhas desculpas falando bem devagar no meu idioma e também em latim, para ser bem entendida, mas o homenzinho intrometido, odioso e estúpido não me ouviu. Ele até me acusou de ser uma meretriz, o que passou de todas as medidas. Expliquei que nunca tirei nem um centavo de homem nenhum.

– A senhorita declarou sua virtude e honra ou disse ao homenzinho intrometido e estúpido que acha que as mulheres devem dispor de seu corpo livremente?

Ela não gostou nada do olhar profundo e sagaz dele ao expressar essa ousada insinuação. Se não estivesse em uma situação tão ridícula, Phaedra lhe diria que era, sim, uma mulher pouco convencional, mas isso não dava a ele o direito de ser rude. No momento, contudo a prudência tinha que falar mais alto.

– Expliquei minha crença no amor livre, o que é diferente de dispor do corpo livremente, lorde Elliot. Tentei instruí-lo. Ficaria feliz em fazer o mesmo pelo senhor, se algum dia tivermos um encontro mais oportuno.

– Que proposta tentadora, Srta. Blair. Contudo espero que as reflexões filosóficas tenham ficado esquecidas em sua cela. Seria melhor ter se declarado uma cortesã. Aqui se sabe tudo sobre esse assunto. Por outro lado, conceitos radicais sobre o amor livre, bem...

O gesto dele com as mãos disse tudo. *O que esperava, mulher? Você vive fora das regras sociais e até a sua aparência convida a mal-entendidos.*

Mais uma vez ela engoliu o que seu instinto lhe mandava dizer. Discutir só serviria para afastá-lo, e ela queria muito que ele ficasse um pouco mais. Não se dera conta da própria solidão ali e da tristeza que o isolamento lhe causava. Só ouvir o próprio idioma já era um alento.

– Acha que vão me soltar logo?

De novo o mesmo gesto com as mãos, só que agora acompanhado de um dar de ombros.

– Não há constituição aqui. Nem se julgam os casos observando precedentes, como na Inglaterra. Na verdade, não existe um direito codificado, é uma monarquia à moda antiga. A senhorita tanto pode ser libertada amanhã como ser mandada de volta à Inglaterra, ou levada a julgamento, ou permanecer nesses aposentos por anos, ao bel-prazer do rei.

– Anos! Isso seria uma barbaridade.

– Acho que não vai chegar a esse ponto. Contudo pode levar alguns meses até que seu homenzinho odioso e estúpido perca o interesse no caso.

Ele olhou para a fachada do prédio em frente e depois para o portão do jardim.

– Srta. Blair, não posso mais ficar escondido neste jardim, ou também correria o risco de me tornar hóspede dos guardas do rei. Tomarei providências para que lhe mandem comida e deixarei uma quantia em dinheiro para pagar pelo apartamento, pois com certeza continuarão a lhe cobrar o aluguel. Também vou pedir que um adido inglês venha, de tempos em tempos, verificar se está tudo bem.

Meu Deus, ele estava indo embora! Talvez ela envelhecesse naqueles cômodos, ou até morresse de fome quando o dinheiro acabasse.

Ela não era o tipo de mulher que dependesse de um homem para sustentá-la ou protegê-la. Além do mais, lorde Elliot não havia conquistado seu apreço durante a conversa. Contudo estar diante de um futuro incerto a ajudou a superar sua aversão natural a pedir ajuda àquele homem.

– Lorde Elliot – chamou, fazendo-o parar após ele ter dado três passos na direção do portão do jardim. – Lorde Elliot, os adidos ingleses não estão interessados em minha situação. Pergunto-me se o senhor consideraria a hipótese de interceder em meu favor. Tenho certeza de que o homenzinho odioso ficaria muito impressionado com suas ligações familiares e sua fama como historiador. Se pedisse em meu nome, talvez ajudasse.

A expressão dele foi simpática, porém nada encorajadora.

– Sou o caçula. Minha posição é bem menos importante aqui e minha fama pouco conta. Esse tribunal não tem motivo algum para me conceder favores.

– Estou certa de que será mais bem recebido do que eu jamais conseguiria. Pelo menos, conhece o idioma deles. Vi-o conversar com o guarda.

– Não sou fluente o bastante no dialeto para defendê-la bem.

– Ficaria grata por qualquer tentativa de sua parte.

Que fim levaria o cavalheirismo? Não acreditava nele, mas gente do tipo de Elliot Rothwell, sim. Ela era uma donzela em perigo e esse cavalheiro deveria se prontificar a ajudá-la, não ficar parado no meio do jardim, com aquele jeito de quem adoraria nunca tê-la avistado na janela.

Ele refletiu um distante, analisando o pedido. Ela sentiu seu sorriso congelar até virar uma careta suplicante.

– Não estamos na Inglaterra, Srta. Blair. Mesmo que eu tenha êxito, talvez a senhorita não aprecie as condições impostas por eles em troca de sua liberdade.

– Vou me esforçar e acatar quaisquer condições, ainda que reze para que não me ponham em um navio de volta para a Inglaterra de imediato. Vim até aqui e preciso, na verdade quero, visitar as escavações de Pompeia. Antes de ir embora. É um antigo sonho meu.

Ele parou para pensar por um longo tempo. Seu suspiro deixou claro que sua decisão ia contra o próprio bom senso.

– Prometi a Alexia que cuidaria do seu bem-estar, então farei o que puder. Encontrar o homem que ordenou sua detenção pode não ser tarefa fácil. Qual é o nome dele? Preferia não ter que andar pelos corredores do tribunal perguntando por um homenzinho odioso e estúpido. Ele poderia ouvir a descrição, o que não nos ajudaria em nada. Além disso, ela provavelmente se aplica a muitos outros funcionários da Justiça.

Ele havia aceitado seu pedido não por um desejo genuíno de ajudá-la, mas para cumprir o que considerava seu dever. Mas Phaedra Blair estava desesperada demais para entrar em detalhes a respeito de suas motivações.

– O nome dele é Gentile Sansoni. Que cara é essa? O senhor o conhece?

– Já ouvi falar dele. Sua autodefesa caiu em ouvidos moucos, Srta. Blair. Sansoni não fala inglês nem latim. Ele é um legítimo napolitano, o que não é boa notícia.



Certamente Phaedra Blair chamara a atenção de Gentile Sansoni, capitão da polícia secreta do rei. É claro que, com seu longo cabelo ruivo esvoaçando ao sol, solto e descoberto, ela chamaria a atenção de toda a Nápoles.

Elliot ouvira falar sobre o algoz da Srta. Blair durante sua última visita à cidade, fazia três anos. Sansoni fizera sua fama a custa de sangue, em 1820, quando o breve governo republicano fora violentamente vencido e a monarquia, restaurada.

Diziam que Sansoni era responsável pelo desaparecimento inesperado de carbonários, ou constitucionalistas, e também que abusava de sua autoridade em setores que tinham pouco a ver com política. Não era o tipo de homem que se impressionaria com um cavalheiro inglês, e Elliot também não acreditava que encarasse de forma positiva uma tentativa sua de recorrer a seus superiores para mudar a decisão tomada pelo capitão.

Elliot não poderia negociar sobre o livro do pai da Srta. Blair enquanto ela permanecesse presa, por isso aceitara de imediato tentar libertá-la. Só tinha fingido hesitar para fazer com que ela se sentisse em dívida.

Também se deixara levar pela desprezível tentativa de fazer com que aquela defensora declarada da independência feminina implorasse pela ajuda de um homem. De alguma forma, pelo simples fato de existir, a Srta. Blair conseguia fazer com que um homem se sentisse desafiado. Os instintos dele tinham reagido à altura.

Contudo o dever falara mais alto e, no dia seguinte, ele se dispôs a fazer o que estivesse a seu alcance por ela. Sansoni não se deixaria impressionar por cavalheiros ingleses, mas talvez pelo menos ouvisse um capitão da Marinha britânica. A corte de Nápoles ainda reverenciava a memória de Nelson, e Elliot suspeitava que Sansoni veria o herói inglês quase como um irmão que um dia, muito tempo antes do rápido governo republicano, ajudara a impedir outra tentativa de golpe contra o rei.

Sempre havia navios britânicos no porto de Nápoles, e Elliot foi visitar um cujo capitão ele conhecia. Dois dias depois de se encontrar com a Srta. Blair, Elliot levou Augustus Cornell – que vestia seu traje militar completo e impecável – ao longo de quilômetros de corredores de palácios até encontrarem o covil de Gentile Sansoni.

Como era apropriado a um funcionário da Justiça que trabalhava nas sombras, a sala de Sansoni se localizava nos fundos do prédio e num andar tão baixo que, a caminho dela, as escadas passavam de fino mármore para simples travertino. Apesar da localização, Sansoni a dotara de móveis suntuosos o suficiente para parecer importante. Arrumara um local grande o bastante para suas ambições, mas o teto baixo e a falta de janelas davam ao lugar um aspecto cavernoso.

– Pode deixar que eu falo – disse Cornell, com seu rosto suave e pálido que

expressava a formalidade dos homens de sua patente. – Já tive que tratar com ele antes e todo cuidado é pouco.

– Sabe falar a língua?

O napolitano era um dialeto bem diferente daquele falado em Roma ou em Florença. Mesmo tendo muito de latim, que Elliot conhecia, o lorde não sabia o bastante dele para não ficar em desvantagem ao usá-lo ali.

– Esperemos que o suficiente. Fique aqui. Agirei como mediador, física e simbolicamente.

Elliot ficou perto da porta, como ordenado. Cornell atravessou a sala e se aproximou do homenzinho moreno sentado na larga mesa na outra extremidade. A descrição que a Srta. Blair fizera de Sansoni fora perfeita. Ele parecia mesmo repugnante e odioso e, naquele momento, muito desconfiado. Suas sobrancelhas negras encobriam os olhos de águia amendoados, tão comuns naquela região.

Sansoni ofereceu vinho, fizeram um brinde e depois entabularam uma conversa. Por fim, Cornell caminhou de volta até Elliot.

– Há uma complicação – disse ele, baixo. – Esse amigo da Srta. Blair, Marsilio, o que levou a pior no duelo, é parente distante do rei e recebe os favores da família real por conta de seus dotes artísticos. Também é um rapaz com quem acho que Sansoni espera casar uma de suas parentas, consolidando assim sua própria posição. Mas esse sonho é improvável de se realizar devido à origem humilde de Sansoni. Ainda assim, ele fez do bem-estar do rapaz sua missão pessoal.

O capitão aproximou o rosto do de Elliot para poder falar ainda mais baixo.

– Também creio que o rei não tenha conhecimento desse duelo. Mencionei várias vezes o título nobre do seu irmão e suspeito que Sansoni só me recebeu por temer que um marquês britânico possa levar o assunto diretamente ao rei.

Um marquês com certeza poderia, mas isso demoraria meses.

– Pode conseguir a libertação da Srta. Blair?

– Duvido muito. O duelo não foi tudo. O rei possui uma coleção de arte e o acesso a uma de suas salas é proibido a mulheres, pois contém imagens antigas de natureza carnal. A Srta. Blair convenceu o jovem Marsilio a deixá-la entrar lá. Agora é acusada de invasão de domicílio e de gostar de arte licenciosa. Sansoni também disse que ela é uma cortesã. Apesar de Nápoles ser infame por permitir que as mulheres exerçam atividades desse tipo, a Srta. Blair se esgueirou por lugares que a corte frequenta...

– Ela não é cortesã. Ponho a minha mão no fogo. Ela é incomum, é verdade. Excêntrica. Uma livre-pensadora, porém honesta. É claro que Sansoni sabe que pessoas assim existem. Explique isso a ele.

– A função desse homem é deter livres-pensadores e ele a cumpre com de-
leite. Ainda assim, vou tentar novamente.

Mais uma vez Cornell atravessou a sala. A conversa foi mais breve dessa vez.
Os olhos negros de Sansoni buscaram Elliot e o examinaram dos pés à cabeça.

Cornell voltou.

– Ele falou mais rápido dessa vez e não compreendi tudo. Mas perguntou
com que autoridade você e sua família se intrometem neste caso. Exige saber
se você tem parentesco ou alguma outra relação com ela.

Elliot não tinha qualquer relação com ela, nem autoridade sobre o caso,
porém não poderia admitir isso.

– Diga-lhe que ela é uma boa amiga da família. Easterbrook a recebe como
a uma irmã.

Essa mentira deslavada nunca seria refutada. Christian faria o mesmo na-
quelas circunstâncias.

– Diga que tentamos exercer nosso controle sobre ela, contudo ela fez essa
viagem inesperada a Nápoles para fugir da nossa influência. Vim para cuidar
de seu bem-estar e posso garantir que não vai haver mais problemas. Se ele der
a entender que aceita suborno, diga-lhe que pagarei para tê-la de volta.

A conversa de Cornell com Sansoni ficou mais animada dessa vez. O napo-
litano gesticulava muito, numa rápida sucessão. Quando Cornell voltou com
seu relatório, parecia um pouco preocupado.

– Temo que tenha havido um mal-entendido. E que esclarecê-lo possa tra-
zer outras complicações. Culpo minha falta de fluência no idioma por essa
infeliz reviravolta nas negociações – disse ele.

– Mas ele parece bem mais calmo e amigável. Qual foi o mal-entendido?

Cornell enrubesceu.

– Não sei exatamente como, mas ele concluiu que o senhor é noivo da Srta.
Blair e que ela veio para cá fugindo de um casamento arranjado que sua famí-
lia aceitou devido ao polpudo dote da moça. Ele acha que você a seguiu para
levá-la de volta.

– Um mal-entendido e tanto! Como isso aconteceu?

– Não tenho certeza. Devo ter usado as palavras “família”, “irmã”, “dinhei-
ro” e “fuga” de forma confusa e dado a entender mais do que pretendia.

Cornell deu um suspiro e já voltava para a sala, para tentar corrigir seu erro,
quando Elliot o pegou pelo braço, detendo-o.

– Ele está disposto a libertá-la se mantivermos esse mal-entendido?

– Sim, mas...

– Tem certeza de que é isso que ele tem em mente?

– Não posso garantir que tenha entendido direito a interpretação dele, mas...

– Então não vamos corrigir nada.

– Não estou certo de que isso seja honroso.

– Você não disse inverdades e não tem certeza do mal-entendido – assegurou Elliot, pondo a mão no ombro de Cornell. – Aceitarei isso como um presente da Providência divina e deixarei como está. Ele não é um homem que tenha contato com a comunidade britânica daqui. Se entendeu mal, nunca descobrirá a verdade.

Cornell se deixou convencer.

– Se você está tão determinado, então que assim seja. Venha comigo. Ele quer a sua palavra de que vai controlar a Srta. Blair enquanto ela permanecer neste reino. Ela deve ficar sob sua autoridade. Será responsabilizado por qualquer outro problema que ela crie. Está preparado para prestar juramento?

Elliot assentiu. Atravessou a caverna com o capitão Cornell e assumiu a guarda da Srta. Blair, concedida pelo odioso e repugnante Gentile Sansoni.

CAPÍTULO 3

A *signora* Cirillo chamou à porta e Phaedra se levantou da escrivaninha para atendê-la. Se aquela mulher queria mais dinheiro tão cedo...

Uma visão maravilhosa a aguardava quando abriu a porta de seus aposentos. A *signora* Cirillo não estava sozinha. Lorde Elliot estava ao seu lado.

Phaedra manteve a compostura, apesar da vontade de gritar de alegria. Se ele estava lá, só podia significar uma coisa.

– Lorde Elliot, entre, por favor. *Grazie, signora*.

A *signora* Cirillo arqueou as sobrancelhas por sobre seus olhos felinos escuros ao ser dispensada. Phaedra fez-lhe ver que não era bem-vinda.

– Está trazendo boas-novas, assim espero, lorde Elliot – disse Phaedra quando ficaram sozinhos.

– Sua prisão domiciliar está encerrada, Srta. Blair. Temos que agradecer ao capitão Cornell, do *Euryalus*. Ele falou com Sansoni em nosso favor.

– Graças a Deus pela Marinha britânica.

Phaedra correu para a janela e abriu as persianas. O guarda tinha ido embora.

– Nem acredito que vou poder dar uma volta às margens da baía hoje à noite.

Correu de volta até lorde Elliott e lhe deu um abraço.

– Sou imensamente grata.

Ele sorriu gentilmente quando ela o largou. Parecia entender sua animação e perdoar sua exuberância. Se seu olhar tinha se abrandado um pouco depois do abraço impulsivo, era compreensível. Afinal, ele era homem.

Estava magnífico, vestido em uma sobrecasaca marrom feita sob medida e botas de cano alto. O sorriso contribuía bastante para suavizar a dureza das feições dos Rothwells. Ao contrário de seus irmãos mais velhos, lorde Elliot era considerado alguém muito sorridente, o que, ao que tudo indicava, era pura verdade.

Ele olhou em volta da sala de estar e o olhar se deteve na escrivaniinha.

– Temo ter interrompido sua carta.

– Uma interrupção muito bem-vinda. Estava escrevendo para Alexia, desabafando meu infortúnio, na esperança de que ao menos conseguisse jogar a carta quando o senhor voltasse aqui.

– Por que não termina a carta logo e lhe diz que está tudo bem? Posso entregá-la a Cornell. Ele vai zarpar em dois dias para Portsmouth e poderá postar a carta para Londres de lá.

– Que ideia esplêndida, se não me achar rude por rabiscar umas linhas a mais.

– Nem um pouco, Srta. Blair. Nem um pouco.

Ela se sentou e acrescentou rapidamente um parágrafo para contar a Alexia que tudo fora resolvido a contento, graças ao cunhado da amiga. Dobrou, endereçou, selou o papel e ficou com ele na mão. Lorde Elliot puxou a carta de seus dedos com delicadeza e a colocou no bolso da sobrecasaca.

Em seguida, retomou sua avaliação da sala de estar e da vista.

– A senhorita veio atender a porta. Onde está sua camareira?

– Não tenho camareira, lorde Elliot. Nem criados. Nem em Londres.

– Isso é por causa de outra crença filosófica?

– É uma decisão prática. Um tio me deixou uma renda respeitável, contudo prefiro gastá-la de outras formas.

– Muito sensato de sua parte. Contudo o fato de não ter criados é um inconveniente.

– De jeito nenhum.

Ela deu meia-volta e as dobras de seu vestido preto, assim com o cabelo comprido, esvoaçaram.

– Um vestido como este não exige uma criada para ser colocado e meu cabelo só precisa de uma boa escovadela.

– Não estava pensando nas suas vestimentas. Preciso lhe falar dos desdobramentos do caso e, sem uma criada conosco...

Estava preocupado com a reputação dela por ficar sozinha com um homem. Que encantador.

– Lorde Elliot, é impossível me comprometer, porque estou acima dessas regras sociais estúpidas. Além disso, trata-se de um encontro de negócios, não? Em situações assim, nossa privacidade não é apenas permitida, como necessária.

Ela duvidava que ele aceitasse seu raciocínio, por mais lógico que fosse. Homens como ele nunca aceitavam. Contudo, para seu espanto, ele não a refutou.

– A senhorita está certa. Prossigamos, então. Não quer se sentar? Isso vai levar um tempo.

Ele pareceu muito sério de repente. Sério, grave e... severo. Seu gesto ao apontar o sofá pareceu acompanhar uma ordem, não a sugestão que fizera tão educadamente. A tentação de permanecer de pé a atizou. Sentou-se, mas apenas porque ele fora o responsável por obter sua libertação.

Elliot se acomodou em uma cadeira diante dela e então lhe deu uma boa olhada, como se a medisse dos pés à cabeça. Foi como se nunca a tivesse visto e tentasse interpretar a imagem peculiar que ela apresentava.

Phaedra não podia afastar da mente a impressão de que, de certa forma, nunca o tinha visto antes também. Não havia nada mais da graça suave do lorde agora, apenas um longo olhar avaliador e invasivo que a deixava desconfortável. Uma reação muito feminina retumbava dentro dela.

Isso era a pior coisa em relação aos homens bonitos. A beleza deles deixava a mulher em desvantagem quando eles lhe dirigiam sua atenção. Esse homem era muito bonito. Era também muito masculino na maioria das situações e sutilmente másculo nas piores delas. Naquele exato momento, parecia estar tentando, de maneira deliberada, deixá-la perturbada. Não o fazia por motivos carnis, disso Phaedra tinha certeza. Porém, ele emanava sedução também e o sangue dela reagia a isso.

Proteger, possuir, conquistar – tudo eram facetas do mesmo instinto primitivo, não? Um homem não poderia seguir uma dessas inclinações sem despertar as outras dentro de si, e uma mulher era facilmente subjugada se não tomasse cuidado. Ela se perguntou que parte ancestral da personalidade masculina o motivava naquele momento.

– Alexia me pediu para tomar conta da senhorita. Não menti ao lhe dizer isso. Contudo tive outros motivos para visitá-la e agora preciso tratar deles.

– Como só nos vimos uma vez, no casamento de Alexia, e muito rápido, não posso imaginar quais possam ser seus motivos.

– Acho que pode.

Agora ele a estava aborrecendo.

– Tenho certeza de que não posso.

O tom dele indicou que ela o aborrecera também:

– Srta. Blair, chegou aos meus ouvidos que a senhorita agora é sócia da editora de Merris Langton, tendo herdado a participação de seu pai no negócio.

– Essa informação não foi divulgada, lorde Elliot. Uma vez que os homens pressupõem que as mulheres não podem ter sucesso nos negócios e como muitos acreditam ser anormal até que uma mulher tente, decidi manter isso em sigilo, de forma que o preconceito não afete a empresa.

– Pretende ter uma participação ativa nela?

– Vou participar na seleção dos títulos a serem publicados, mas espero que o Sr. Langton continue a supervisionar as questões práticas. Gostaria de saber quem lhe contou isso. Se meu advogado foi indiscreto...

– Seu advogado é irrepreensível.

A atenção dele se desviou dela. Seus olhos ficaram meditativos, obscuros. O homem elegante e cosmopolita que escrevera um famoso livro de História antes de completar 23 anos agora estava distraído, absorto nos próprios pensamentos.

– Srta. Blair, lamento trazer-lhe algumas más notícias. Depois que a senhorita deixou Londres, Merris Langton faleceu da doença que o acometia. Ele foi enterrado dias antes de eu partir.

Ela temera que o Sr. Langton não chegasse a se recuperar; ainda assim, ficou surpresa ao ouvir a notícia de sua morte.

– De fato, são más notícias, lorde Elliot. Obrigada por me contar. Não o conhecia bem, contudo o falecimento de uma pessoa é sempre triste. Contava com ele para ajudar a manter a editora, mas parece que vou ter que dar um jeito sozinha.

– É tudo seu agora?

– Meu pai fundou a editora e a subsidiou desde sempre. Ele poderia passar sua parte a outra pessoa, entretanto a do Sr. Langton ficaria para o meu pai se ele morresse. Então, sim, acredito que seja tudo meu agora.

A distração dele desapareceu. Sua objetividade voltou. Fria.

– Antes da doença, Langton procurou meu irmão. Falou que publicaria as memórias do seu pai. Ofereceu-se para omitir vários parágrafos no manuscrito que tratavam da minha família se uma quantia significativa fosse paga a ele.

– Ele fez isso? Que horror! Estou chocada com essa traição para com os princípios de meu pai e peço desculpas sinceras por meu sócio.

Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro, agitada com a revelação. Por educação, lorde Elliot se levantou também, mas ela o ignorou. Tentava compreender todas as implicações do esquema idiota do Sr. Langton. Aquilo poderia significar o fim da editora.

Ela conhecia bem a situação precária das finanças da empresa e, como proprietária, era responsável pelas dívidas não saldadas. Contava com as memórias do seu pai para quitá-las. Se o Sr. Langton comprometera a integridade dessa publicação, as pessoas talvez ficassem descrentes de todo o conteúdo do livro.

– Isso tudo é culpa de Harriette Wilson – disse ela, com sua perturbação agora beirando a raiva. – Ela estabeleceu um precedente infeliz ao pedir que seus amantes pagassem para ter os nomes retirados. Escrevi-lhe sobre isso, se quer saber. Disse a ela que era errado receber dinheiro para apagar trechos de biografias, que era só uma forma velada de chantagem. Ela só pensou no próprio bolso, é claro. Bem, eis o resultado da vida dependente que ela escolheu e da extravagância tola que pôs em prática.

Ela passou a andar com passos mais resolutos.

– Sem dúvida o Sr. Langton abordou outras pessoas também. Nunca imaginei que ele comprometeria a ética de nossa editora dessa forma.

– Srta. Blair, por favor, poupe-me do ultraje teatral. Minha família estava pronta para pagar a Langton. Vim procurá-la para dizer que pagaremos com prazer à senhorita no lugar dele.

Ultraje *teatral*? Ela parou de andar e o encarou.

– Lorde Elliot, espero tê-lo entendido mal. Está sugerindo que eu aceitaria seu dinheiro para suprimir partes das memórias de meu pai a seu bel-prazer?

– Esperamos que sim.

Ela se aproximou dele até estar perto o bastante para ver os pensamentos refletidos em seus olhos.

– Meu Deus, o senhor acha que eu tinha conhecimento de que o Sr. Langton fazia isso, não acha? Acredita que eu fui cúmplice.

Ele não respondeu. Só sustentou o olhar, visivelmente não acreditando no espanto dela.

Furiosa com as suposições dele e afrontada pelo insulto, ela se virou.

– Lorde Elliot, as memórias do meu pai vão ser publicadas tão logo eu chegue à Inglaterra. Cada frase delas. Foi seu último desejo, feito a mim em seu leito de morte. Eu nunca as editaria de forma a escolher as palavras dele que o mundo devesse ler. Fico muito grata por sua ajuda com o Sr. Sansoni, mas

é melhor pararmos esta conversa por aqui. Se eu tivesse uma criada, ela lhe mostraria a saída. Como não tenho, o senhor pode encontrá-la sozinho.

Para deixar mais claro que o lorde estava dispensado, Phaedra se dirigiu ao quarto e fechou a porta.

Ainda não havia se recomposto quando a porta do quarto foi aberta e lorde Elliot entrou calmamente, fechando a porta atrás de si.

– Minha visita ainda não acabou e nossos negócios não estão concluídos, Srta. Blair.

– Como ousa? Este é o meu *quarto*, senhor.

Ele cruzou os braços e assumiu a atitude masculina e irritante de quem se considera no comando.

– Normalmente isso me impediria, entretanto a senhorita está acima de regras sociais estúpidas, como a que dita que eu não deveria entrar aqui, lembra?

Ela não considerava essa regra social tão estúpida. Tinha uma razão muito especial e primitiva de existir. Aquele era seu espaço mais privado, seu santuário. O clima foi se alterando à medida que Elliot olhava em volta, para o guarda-roupa onde suas vestimentas estavam arrumadas e a penteadeira que exibia seus objetos pessoais. Seu olhar percorreu a cama devagar e voltou para Phaedra.

Os pensamentos dele não ficaram tão ocultos quanto ele imaginou. Ela notou as mudanças sutis em sua expressão, na forma como a dureza que ele exibia se alterou, mesmo que ligeiramente. Os homens não conseguem ficar perto de uma cama e de uma mulher sem começar a devanear. Era uma maldição da natureza que eles carregavam.

Ela ficou irritada ao se pegar pensando na mesma coisa. A forma como ele acabara de insultá-la deveria ter sido suficiente para que aquela intimidade que começava a se infiltrar no quarto jamais existisse. O breve silêncio foi ficando cada vez mais pesado e cheio de uma excitação magnética que mexia com ela.

Uma imagem relampejou em sua mente: lorde Elliot olhando do alto para ela, seus rostos afastados por meros centímetros, seu cabelo escuro despen-teado por motivos que nada tinham a ver com moda, seus pensamentos completamente desmascarados. Ela viu seus ombros nus e sentiu a pressão de seu corpo e a firme pegada de seu abraço na pele dela. Sentiu...

Phaedra se esforçou para afastar a imagem da cabeça, mas os olhos dele faiscaram, demonstrando que lera os pensamentos dela. Ele sabia por onde a mente dela andara, assim como ela conhecia os caminhos da dele.

Ele descruzou os braços. Phaedra pensou que ele fosse segurá-la e imaginou se não iria insultá-la ainda mais. Havia homens que a interpretavam erroneamente e, por ignorância, lhe faziam propostas, só que lorde Elliot não era estúpido. Seria uma ofensa cruel e deliberada se ele tentasse se aproveitar da tensão sexual que tinham percebido.

Ele desviou sua atenção dela, diluindo a intimidade, porém não a dissipando por completo. O orgulho de Phaedra foi poupado, ainda que, com isso, seu lado mais primitivo se ressentisse.

– O manuscrito está aqui? – perguntou ele. – A senhorita o trouxe?

– É claro que não. Por que faria isso?

Ele olhou para o guarda-roupa.

– Jura? Do contrário, terei que fazer uma busca.

– Juro, e não ouse fazer isso. O senhor não tem o direito de estar aqui.

– Na verdade, tenho sim, mas conversaremos depois.

O que isso queria dizer?

– Deixei-o em Londres, em um lugar muito seguro. Ele contém as memórias de meu pai, seus últimos desejos. Nunca seria descuidada a esse respeito.

– A senhorita o leu?

– É claro.

– Então sabe o que ele escreveu sobre a minha família. Quero que me fale disso agora. Suas palavras exatas, o melhor que se lembrar.

Não era um pedido, mas uma exigência. Sua arrogância dominadora estava rapidamente fazendo com que a gratidão de Phaedra desaparecesse.

– Lorde Elliot, o nome de sua família e o de Easterbrook não são mencionados no manuscrito.

Isso o surpreendeu. Sua severidade ficou abalada por tempo suficiente para que ela percebesse novamente o homem amigável e prestativo que entrara em seu apartamento. Não durou muito. Ele voltou a ficar distraído e meditativo, e sua mente ágil captou o que ela dissera.

– Srta. Blair, Merris Langton descreveu a meu irmão uma acusação específica contra meu pai. Há algo no manuscrito que, em sua opinião, poderia ser interpretado como uma referência a meus pais?

Ela queria que ele não tivesse feito a pergunta nesses termos.

– Há uma parte que pode ser interpretada assim, imagino eu.

– Por favor, descreva-a.

– Prefiro não descrever.

– Eu insisto. A senhorita vai me contar agora.

Sua voz, sua postura e sua expressão indicavam que nenhum argumento

seria ouvido. Nunca antes na vida Phaedra tinha sido tão claramente coagida por um homem a fazer algo.

Talvez fosse melhor que ele e sua família ficassem avisados. A passagem em questão era uma entre várias nas memórias que a haviam feito hesitar.

– Meu pai descreve um jantar oferecido muitos anos antes de minha mãe morrer. Eles estavam recepcionando um jovem adido recém-chegado do Cabo. Meu pai queria saber as verdadeiras condições de vida lá. Esse rapaz bebeu demais e ficou embriagado. Acabou confidenciando algo que ocorreu em um regimento britânico na colônia.

A menção à colônia do Cabo atraiu a atenção de Elliot por completo. Ela se condeou. Sempre tivera esperanças de que aquele rumor não fosse verdadeiro, mas...

– Prossiga, Srta. Blair.

– Ele disse que, enquanto esteve lá, um oficial britânico morreu. A causa da morte foi registrada como febre, contudo, na realidade, ele levou um tiro. Foi encontrado morto após sair para fazer a ronda. Chegaram a desconfiar do outro oficial que o acompanhava, só que não acharam provas. Em vez de contestarem o suspeito, optaram por usar uma *causa mortis* falsa.

Ele agora ocultava muito bem sua reação. O rosto estava impassível, como se talhado em pedra. Contudo seu silêncio foi se tornando terrível, carregado da raiva que emanava dele.

– Srta. Blair, se associou esse caso com a minha família, a senhorita deve saber do boato imoral de que meu pai teria enviado o suposto amante de minha mãe para assumir um posto na colônia do Cabo, onde morreu de febre.

Ela engoliu em seco.

– Creio que tenha ouvido algo a respeito em algum momento.

– Se a senhorita soube, muitos souberam. Nem Langton nem a senhorita tiveram qualquer dificuldade em juntar as referências e chegar a uma conclusão. Se a senhorita publicar essa parte, ficará bastante clara a insinuação de que meu pai pagou outro oficial para matar o amante da esposa. A ausência de nomes nas memórias não poupará a reputação de meu pai, e ele não pode se defender da sepultura.

– Não estou convencida...

– Droga, é exatamente o que acontecerá, e a senhorita sabe disso. Exijo que suprima esse trecho das memórias.

– Lorde Elliot, sou solidária em sua perturbação. De verdade. Contudo meu pai me encarregou de fazer com que suas memórias fossem publicadas e é meu dever fazê-lo. Pensei muito nisso. Se eu suprimir cada frase que possa ser

interpretada como perigosa ou pouco lisonjeira a essa ou àquela pessoa, pouco vai restar.

Ele andou até ela e a olhou de cima com firmeza.

– Essa mentira não será publicada.

A determinação dele era palpável. Ele não precisava de expressões de raiva ou ameaças verbais para enfatizar o poder que usaria contra ela. Estava tudo ali, ao redor dela, junto com a tensão sexual que não abandonara o quarto, num clima carregado de todas as nuances daquele instinto obscuro.

– Se for mentira, pensarei em omitir – assegurou ela. – Se conseguir obter provas de que o homem morreu de febre ou se o convidado de meus pais desmentir a história, eu a suprimirei. Farei isso por Alexia, não pelo senhor ou por Easterbrook.

Essa declaração o aliviou. Um sorriso vagaroso se formou.

– Por Alexia? Que conveniente. Assim pode recuar sem me dar a vitória.

Elliot a entendia bem demais. Phaedra não dava a mínima importância para provas.

Olhou-a com gentileza. De repente pareceu inapropriado estarem tão próximos, uma proximidade que nascera num momento de fúria dele. Com a raiva saindo de cena, era a outra sensação que voltava a crescer.

Ele não recuou como deveria – e como as sobrelhas erguidas de Phaedra pediam. Em vez disso, ajeitou uma mecha do cabelo dela e ficou olhando para aqueles fios vermelhos enquanto os enrolava com delicadeza entre os dedos.

– Seu pai incluiu o nome de algum desses homens, Srta. Blair? Do jovem adido do jantar ou do oficial suspeito?

Ele não a tocou, mas a brincadeira com o cabelo dela implicava coisas em que ela preferia nem pensar. O fato de estarem sozinhos num quarto, até mesmo o de terem se confrontado, demolira as formalidades que a protegeriam. O formigamento sutil que ele causava em seu couro cabeludo era tão delicioso que levava a pensar em outras excitações físicas.

Conquistar, possuir, proteger – ela não tinha dúvida de que ele estava preparado para ser implacável e brincar com mais do que o cabelo, se achasse que com isso obteria o que desejava. Também não acreditava em si mesma para vencer aquele desafio, se ele surgisse.

– O jovem adido que meus pais convidaram para jantar é Jonathan Merriweather.

Ele olhou nos olhos dela, desconfiado de novo.

– Merriweather hoje é assistente do embaixador britânico aqui, em Nápoles.

– Muito conveniente para o senhor.

A mão dele se moveu por entre os cabelos com mais firmeza. A brincadeira sutil se tornava controladora.

– A senhorita viajou até aqui para falar com ele? É por isso que está em Nápoles? Pretende adicionar notas a essas memórias e completá-las com os nomes que seu pai foi discreto ao omitir? O livro venderia mais ainda, e ousou dizer que o dinheiro resultante seria muito bem-vindo para sua editora.

Ela segurou o cabelo e o retirou de entre os dedos dele, determinada. Sua indignação a ajudou a ignorar a sensação daquela mão quente ao roçar na sua e a não dar importância ao modo como os olhos dele refletiram sua consciência do toque feminino.

– Agradeço a sugestão, mas espero que as memórias do meu pai caiam no gosto popular do jeito que são, sem acréscimos. De qualquer forma, não estou aqui com esse objetivo.

Era uma mentira deslavada, mas ela não sentiria remorso por confundir aquele homem. Seu interesse em preencher as lacunas das memórias do pai nada tinha a ver com a família Rothwell.

– Lorde Elliot, vim até aqui para visitar as escavações e as ruínas ao sul. Preciso me preparar para deixar a cidade de imediato e continuar minha viagem como planejei desde o início. Portanto, peço-lhe, mais uma vez, que parta.

– Sua viagem terá que ser adiada por uns poucos dias. Não posso permitir que vá agora.

Ela riu. A presunção do homem havia chegado ao ponto do ridículo.

– O que o senhor permitiria ou deixaria de permitir não é de meu interesse.

– É de interesse essencial para a senhorita. Eu a adverti de que sua libertação teria condições e a senhorita prometeu aceitá-las.

– O senhor não falou em condições ao chegar.

– Seu abraço apertado me distraiu.

Ela o encarou desconfiada.

– Quais são essas condições?

Ele olhou para baixo devagar, para seus cachos esvoaçantes – portanto, para boa parte do corpo dela. Phaedra achou ter notado um interesse possessivo, como se ele tivesse acabado de receber um presente e aqulitasse o valor.

– Gentile Sansoni só a libertaria se ficasse sob minha guarda. Tive que aceitar total responsabilidade pela senhorita e prometi controlar seu comportamento.

Um calor de fúria lhe subiu à cabeça. Agora entendia por que, de repente, lorde Elliot passara a se comportar de forma arrogante, fazendo exigências.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br